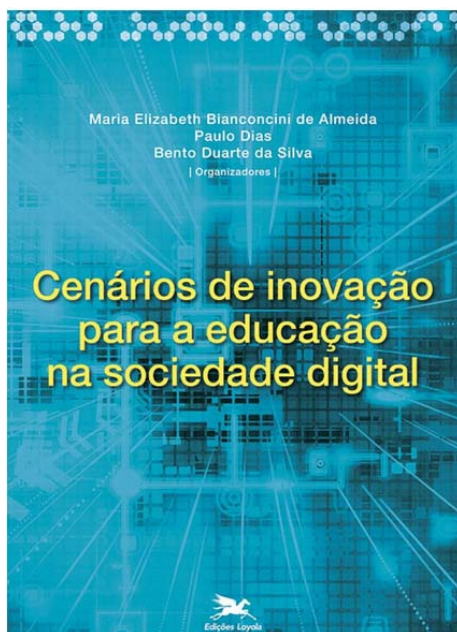


Recensão bibliográfica

Dezembro de 2013

Maria Elisabeth Bianconcini de Almeida, Paulo Dias, Bento Duarte Silva (org.). *Cenários de inovação para a educação na sociedade digital*. São Paulo: Edições Loyola.



Cenários de inovação para a educação na sociedade digital

Atendendo à rápida evolução tecnológica que transforma o mundo atual, a sociedade digital vai assumindo novos contornos. A inevitável mudança provocada pelos avanços tecnológicos e pela sua aceleração evolutiva faz-nos repensar a educação e os paradigmas educacionais, que obrigatoriamente terão de abandonar os modos tradicionais de comunicação e informação, deixando as tecnologias de ser encaradas como um complemento ao trabalho, com funções meramente instrumentais.

Neste novo cenário emergente, perante a inevitabilidade da incorporação das tecnologias na escola, o termo inovação assume-se como uma temática importante em educação, sendo no entanto claro que o uso das tecnologias em educação não constitui obrigatoriamente inovação educativa.

É acerca das perspetivas de inovação em educação com o uso das TIC que nos faz refletir o livro *Cenários de inovação para a educação na sociedade digital*, constituindo um documento importante para aqueles que se preocupam com a educação. A ideia do livro surgiu a partir da

realização do I Colóquio Internacional Brasil Portugal, realizado no dia 9 de Junho de 2010 em S. Paulo.

Os organizadores reuniram textos, de seis autores do Brasil e de quatro de Portugal, que distribuíram por dez capítulos que nos transportam pela análise de práticas de integração curricular das tecnologias de informação e comunicação, partindo da reflexão sobre os conceitos, os modelos e as práticas de inovação nos novos cenários tecnológicos existentes e emergentes, assumindo o potencial transformador das TIC o pano de fundo.

Antes de iniciar a leitura do livro, o título despertou-me alguma curiosidade e interesse, por pensar nos contextos educativos e práticas de sala de aula atuais de escolas que conheço.

Imediatamente me invadiram as seguintes questões: O que tem mudado na escola perante os novos cenários tecnológicos emergentes? Que contributos tem dado a escola para gerir este rápido acesso à informação? Têm as tecnologias sido perspectivadas pelos docentes como uma importante ferramenta essencial à construção do conhecimento?

Tendo consciência que grande parte das escolas portuguesas se continuam a pautar por práticas pedagógicas tradicionais, surgiram-me algumas expectativas relativamente à questão das perspectivas de inovação em educação com o uso das TIC, o eixo articulador deste livro.

Logo no segundo capítulo, Maria Elisabeth Bianconcini de Almeida conduz-nos a uma atenta reflexão acerca das possibilidades de inovação educativa proporcionadas pelo uso do computador portátil, visto como uma tecnologia móvel com conexão sem fio à internet. Consciente de que por si mesmo o uso das tecnologias móveis com conexão sem fio não traz

mudanças, a autora pretende compreender as contribuições do computador portátil nos processos de ensino e aprendizagem.

Partindo das conceções de *mobilidade, currículo e inovação*, apresenta estudos sobre iniciativas de diferentes países, nos quais foram introduzidos computadores portáteis nas escolas. Refere depois exemplos de escolas com projetos inovadores de uso do computador portátil. Dos estudos conclui existirem evidências de inovação com aspetos comuns. No entanto, refere o surgimento de problemas relacionados com as infraestruturas, que criam obstáculos ao seu desenvolvimento. Ao identificar lacunas entre o desígnio e a realidade, aponta, para se alcançar um projeto educativo inovador, a necessidade de oferecer a infraestrutura adequada e atempada, de adequar a investigação com a prática pedagógica e com a formação de professores e outros profissionais da escola.

Na verdade, a formação e os seus modelos é um aspeto que é abordado por alguns dos autores do livro. Fernando Albuquerque Costa convida-nos a refletir acerca do escasso uso dos computadores nas escolas bem como das causas. Destaca o subaproveitamento do potencial das TIC na escola, sublinhando a falta de integração, consciente e regular, das tecnologias nas atividades curriculares envolvidas no ensino e aprendizagem. O que habitualmente sucede é que são as práticas que levam o docente a usar as tecnologias, de acordo com o contexto, assumindo estas claramente um papel secundário no trabalho em sala de aula. As causas poderão prender-se com o desconhecimento do seu potencial pedagógico e didático para a aprendizagem, à falta de preparação dos agentes educativos ou mesmo devido à carência de enquadramentos adequados, originados pela desadequação dos modelos de formação de professores. Na formação contínua é valorizada uma vertente sobretudo técnica e instrumental, descurando-se uma abordagem didática e

pedagógica. Relativamente à formação inicial, o autor levanta algumas questões determinantes para a resolução do problema de integração das tecnologias digitais no currículo. Na opinião do autor, as instâncias onde é equacionada e concretizada a formação de futuros professores deve levar a refletir sobre o uso das TIC e a sua importância na construção de conhecimento. Parece também clara a ideia de que muitas medidas de política educativa postas em prática não implicaram o envolvimento da escola nem sequer dos seus agentes, sendo concebidas fora dela.

As tecnologias, há muito existentes em cenários educativos, destinavam-se mais ao professor e funcionavam como auxiliar das práticas letivas. No entanto, elas devem ser encaradas como ferramentas do aluno e deviam implicar a participação deste na construção do seu próprio conhecimento.

O autor propõe, por último, a definição de metas de aprendizagem na área das TIC, que serão não só um referencial orientador em relação às competências digitais que devem ser adquiridas na escola pelos alunos, mas também às competências digitais que devem ter os professores, bem como um desenho para a formação de professores direcionada para o uso pedagógico das TIC.

José Armando Valente mostra-se também consciente da carência de mudanças em educação com os novos cenários tecnológicos. Como verdadeiras inovações em educação com tecnologias aponta a formação do professor para a sua ação em ambientes de aprendizagem intervenientes na construção do conhecimento e a criação de um currículo para a era digital. O autor estabelece a diferença entre informação e conhecimento, referindo que a Informação não implica conhecimento, entendendo este como “o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da inter-relação entre interpretar e compreender a informação” (p. 37).

Acrescenta que a construção de conhecimento poderá surgir por um processo de autodidatismo, no entanto, parece ser fundamental o reconhecimento, por parte do autor, da importância da mediação de um educador deste processo. Estando a inovação em educação “no reconhecimento do papel do agente de aprendizagem como mediador do processo de construção do conhecimento” (p. 43). Contudo, o autor sublinha a importância do investimento na formação dos educadores, preparando-os para exercerem a sua função como agentes de aprendizagem.

Destaco também, nesta reflexão, o contributo de José Luís Pires Ramos para a visão sobre recursos educativos digitais, referindo os recursos que apresentam características de qualidade e que valorizam as aprendizagens. É claro que se assiste, hoje em dia, a um aumento considerável de recursos educativos digitais e de conteúdos, sendo que se colocam, com eles, inúmeros desafios à escola, criando-se cada vez mais um desfasamento entre aquilo a que os alunos acedem em contexto familiar e aquilo que é usado em contexto formal de aprendizagem. O autor questiona a forma como podemos contribuir para a aprendizagem mediante o uso da multiplicidade de recursos disponíveis, valorizando mais os métodos pedagógicos do que a própria tecnologia.

O autor considera a integração das tecnologias em ambiente escolar um processo “em construção” que beneficiaria se tivesse um apoio de desenvolvimento de *software* bem como de recursos digitais de qualidade, sendo, para tal, fundamental a promoção de formação e desenvolvimento profissional e a avaliação das propostas de trabalho educativo desenvolvidas pelos professores, bem como a investigação acerca do impacto dessas propostas na escola (p. 119).

A construção de um currículo nesta era digital é também um aspeto abordado em alguns textos. Fernando José de Almeida considera o currículo a “própria vida”, a “própria cultura”, fazendo a *web* parte intrínseca do currículo, sendo que, no entanto, o currículo não se reduz a ela (p.77). Falar de um *web currículo* é falar numa parceria da web com o currículo, propondo o autor, para facilitar essa parceria, seis fractais curriculares.

Ainda neste âmbito, Maria da Graça Moreira da Silva alerta-nos para a necessidade de novos olhares e novos instrumentos de leitura para encarar a educação na perspetiva da cultura digital móvel, que não pode ser vista como era a educação convencional. A autora questiona a forma como pode a mobilidade, que é característica da cultura digital, inovar o currículo. Será, para tal, necessário o reconhecimento da autoria dos sujeitos envolvidos na educação. Deixam, então, de ser apenas meros utilizadores para passarem a ser produtores. É, na opinião da autora, “conferir voz ao professor e ao aluno e, por meio da expressão das suas vozes, possibilitar a autoria e empoderá-los” (p. 132).

A reflexão acerca das práticas de inovação são também constantes neste livro. Bento Duarte Silva e Sílvia Carla Conceição apresentam ao leitor os resultados de uma investigação que teve como objetivo “verificar a importância, do ponto de vista dos alunos, da dimensão interativa na relação pedagógica no *b-learning*” (p.149).

Assentando no conceito de ecologia da comunicação, que cada época possui de acordo com o estado das suas tecnologias, consideram a existência de cinco ecologias da comunicação, tendo cada uma influenciado a relação do homem com o mundo, sendo que a passagem de uma para a outra se faz através de um processo contínuo. Para os autores, é

importante compreender quais as consequências dessa ecologia comunicacional no desenvolvimento da educação.

Ao abordar a inovação em TIC na educação no Brasil, Pedro Ferreira de Andrade refere duas questões centrais: as políticas de inclusão digital pedagógica, que ocorreram em ambientes de descontinuidade originados pela mudança de dirigentes na administração pública, e o desafio de superar as práticas educativas centradas na transferência de informação por práticas inovadoras com as TIC. Depois da análise de algumas experiências e projetos, o autor faz referência às condições em que os mesmos se realizaram, sublinhando a importância que têm as mesmas para que a inovação ocorra.

Por fim, Dilmeire Sant’Anna Ramos Vosguerau e Nara Maria Pasinato apresentam um estudo sobre a integração das tecnologias no contexto escolar, que nos faz refletir sobre a carência de estudos no Brasil que permitam analisar a utilização das TIC na escola. Assumem a necessidade de uma mudança interna que envolva todos os intervenientes no contexto escolar. Sugerem a responsabilidade do gestor escolar nesse processo, de forma a poder realizar uma avaliação do estado de desenvolvimento das TIC na sua escola. Apresentam, então, uma proposta de indicadores que permitam avaliar os estágios de integração das TIC em contexto escolar.

Finalmente, não posso deixar de referir o relevo dado por Paulo Dias à importância da promoção de uma pedagogia de participação e mediação colaborativa que contribui para a mudança nas práticas de educação em rede na sociedade digital. Segundo o autor,

a imersão nos contextos de prática, negociação e mediação educativa representa uma mudança radical para o desenvolvimento das abordagens da pedagogia da participação na

educação em rede, para a construção dos cenários de aprendizagem aberta e para os processos de inovação e criação do conhecimento (p. 19).

Gostaria, ainda, de salientar o interesse deste livro para uma reflexão acerca, por um lado, das práticas existentes nas escolas relativamente à integração curricular das tecnologias de informação e comunicação e, por outro, acerca dos desafios não só do futuro mas já do presente de uma sociedade digital.

Autora da revisão:

Cristina Lourenço

Agrupamento de Escolas de Rio Tinto nº3, Portugal

crisloure@gmail.com